

A AUTONOMIA FEMININA NOS POEMAS “AVISO DA LUA QUE MESTRUA” E “SAFENA”, DE ELISA LUCINDA

Brenda da Silva Dias (UEMASUL)

bdias8008@gmail.com

Luana Gonçalves da Silva (UEMASUL)

luana.gesc@gmail.com

Rute Maria Chaves Pires (UEMASUL)

rutepires@uemasul.edu.br

RESUMO

Este trabalho baseia-se no novo olhar de identidade e liberdade feminina expressos nos poemas “Aviso da Lua que Menstrua” e “Safena”, de Elisa Lucinda. Objetiva-se, aqui, analisar os referidos poemas demonstrando a revolução da concepção que se tem da mulher, a formação e a transformação da sociedade a partir do impacto da voz feminina e, principalmente, o protagonismo que a mulher exerce em seu próprio mundo. Para tanto, utilizaremos o estudo de Margareth Rago “Epistemologia feminista, gênero e história” (1998) para interrogar a história e afirmar o futuro e outros estudiosos como Pigatto e Pigatto (2010) e Bourdieu (2002) também servem de base teórica para esta pesquisa. Este estudo é uma forma de dar ênfase à autonomia feminina que, dentro de um contexto social machista e patriarcalista, encontra diariamente percalços que dificultam a sua expansão e expressão.

Palavras-chave:

Poesia. Autonomia feminina. Elisa Lucinda.

ABSTRACT

This work is based on the new look of feminine identity and freedom expressed in the poems “Aviso da Lua que Menstrua” and “Safena”, by Elisa Lucinda. The objective here is to analyze the aforementioned poems, demonstrating the revolution in the conception of women, the formation and transformation of society based on the impact of the female voice and, above all, the role that women play in their own world. For that, we will use Margareth Rago's study “Epistemologia Feminista, Gênero e História” (1998) to interrogate history and affirm the future and other scholars such as Pigatto and Pigatto (2010) and Bourdieu (2002) also serve as a theoretical basis for this search. This study is a way of emphasizing female autonomy that, within a sexist and patriarchal social context, encounters daily obstacles that hinder its expansion and expression.

Keywords:

Poetry. Elisa Lucinda. Female autonomy.

1. *Introdução*

Elisa Lucinda é uma poeta, jornalista, atriz e cantora brasileira nascida em fevereiro de 1958, na cidade de Vitória, Espírito Santo. É formada em jornalismo e, em 1986 foi para o Rio de Janeiro com o intuito de seguir a carreira de atriz.

Enquanto poeta, Elisa Lucinda possui um acervo de poesias e versos ousados que apresentam figuras femininas autônomas e que buscam combater o machismo e patriarcalismo, até então estruturados, essas figuras femininas estão em constante evolução e transformação frente à construção social há tanto tempo enraizada. Sendo mulher e negra, Elisa Lucinda possui importante e indispensável papel de representatividade na luta diária pela busca de equidade social e de gênero.

Este artigo tem como intuito analisar os poemas “Aviso da Lua que Menstrua” e “Safena” da referida poeta tendo como foco a transformação e autonomia feminina que se tem conquistado ao longo do tempo.

2. *Reconstrução da regra - análise do poema “Aviso da Lua que Menstrua”*

É possível pressupor que o título do poema seja, na verdade, uma proposta que vai na contra mão ao ideal que se concebe do feminino. A lua inspiradora e que representa o brilho e delicadeza associados à mulher, agora ganha voz nos versos do poema, voz de um ser real que sangra e que se impõe frente à figura masculina.

Já nos primeiros versos do poema, o eu lírico, inicialmente expresso em terceira pessoa do singular, principia o seu aviso:

Moço, cuidado com ela!
Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...
Imagine uma cachoeira às avessas:
Cada ato que faz, o corpo confessa.

O vocativo “moço” presente no início do poema expressa uma informalidade que nega quaisquer resquícios de submissão diante do ser masculino, e isso se evidencia quando esse eu lírico aconselha que se tenha cuidado, prudência com ela. E quem é ela? O verso seguinte esclarece quando diz “esta gente que menstrua...”. Trata-se, portanto, da figura feminina.

Essa figura feminina que é capaz de reproduzir sendo, então, sinônimo de fertilidade. Esse ser que, assim como a lua, se transforma, e bem como a sereia possui seus mistérios e encantos:

Às vezes parece erva, parece Hera
Cuidado com essa gente que gera
Essa gente que se metamorfoseia
Metade legível, metade sereia.

O eu lírico continua pedindo cautela a esse ser masculino, aconselhando que se tenha cuidado com as palavras proferidas, uma espécie de repreensão à violência verbal:

Cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita...
Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente
Que vai cair no mesmo planeta panela.
Cuidado com cada letra que manda pra ela!

Pode-se, inclusive, fazer uma relação com a expressão “o feitiço virou contra o feitiçeiro”, pois cada palavra emitida por essa “boca maldita” pode servir de elemento contra esse próprio homem.

O poema desconstrói o ideal que se tem do feminino, ou seja, um ser que, assim como Bourdieu (2002) aponta, espera-se que tenha comportamentos femininos: seja sorridente, simpática, submissa, apagada. Aqui o feminino tem voz e se impõe através do eu lírico:

Porque sou muito sua amiga
É que tô falando na "vera"
Conheço cada uma, além de ser uma delas.

Há também, nos versos do poema, um alerta contra a violência sexual e um conselho de que a delicadeza já é suficiente para que se conquiste:

Você que saiu da fresta dela
Delicada força quando voltar a ela.
Não vá sem ser convidado
Ou sem os devidos cortejos...
Às vezes pela ponte de um beijo
Já se alcança a "cidade secreta"
A atlântida perdida.

Para Bourdieu (2002), a diferença entre homens e mulheres durante as relações sexuais ocorre devido ao ato de afetividade atribuído ao ser feminino, diferentemente do ser masculino que compreende o sexo apenas como um ato físico e agressivo, que busca somente a penetração e

orgasmo. Essa brutalidade e postura de dominação, acaba por resultar nos vários casos de assédio e violência sexual que ocorrem diariamente.

A imagem do homem “dominador”, metaforizado aqui pela figura do cão, também é desconstruída. Sugere-se uma relação de mutualidade entre os parceiros para que desfrutem do prazer juntos:

Ah, meu cão desejado
Tão preocupado em rosnar, ladrar e latir
Então esquece de morder devagar
Esquece de saber curtir, dividir.

E, por fim, o papel de reprodução, de alimento e vida é enaltecido através de expressões que, a princípio, são vistas como ofensas. Aqui essas expressões são ressignificadas e apresentadas como elogio:

E aí quando quer agredir
Chama de vaca e galinha.
São duas dignas vizinhas do mundo daqui!
O que você tem pra falar de vaca?
O que você tem eu vou dizer e não se queixe:
Vaca é sua mãe. De leite.
Vaca e galinha...
Ora, não ofende. Enaltece, elogio:
Comparando rainha com rainha
Óvulo, ovo e leite
Pensando que está agredindo
Que tá falando palavrão imundo.
Tá, não, homem.
Tá citando o princípio do mundo!

Vaca e galinha nesses versos são consideradas verdadeiros princípios de vida e, portanto, não servem como ofensa. Ao equiparar os substantivos *óvulo*, *ovo* e *leite*, enfatizando seus papéis de reprodução e alimento, o eu lírico atribui valor e significado a esses seres. Desse modo ao comparar “rainha com rainha”, a vaca, a galinha e a mulher são, na realidade, soberanas que possuem poder indispensável.

Pigatto e Pigatto (2010) constatam que há muito tempo as mulheres eram vistas como intelectualmente inferiores, acreditando-se que esse era um fator biológico, porém o que se tem na verdade é uma construção de ordem cultural. Muito do que era idealizado já se dissipou, entretanto, é necessário que essa transformação seja contínua.

Assim como *Aviso da Lua Que Menstrua*, o poema que será analisado a seguir, *Safena*, também apresenta o ser feminino com sua autonomia e liberdade de expressão e escolhas. Os versos mostram uma con-

cepção versátil e ousada da mulher, o que é uma verdadeira revolução do ideal construído ao longo dos séculos.

3. *Atitudes entranhas - análise do poema “Safena”*

Safena é uma veia da perna responsável por conduzir o sangue das pernas para o coração. Quando a aorta, principal artéria responsável por bombear sangue do coração para o corpo, fica obstruída por placas de gordura, a veia safena é usada para construir uma ponte, a ponte de safena, que liga a aorta até o músculo cardíaco, recuperando a circulação do sangue. No poema, a safena significa um novo desvio, como se o tradicional (a ligação ser feita pela aorta) já não funciona mais e então há uma “reforma” na relação. Uma reforma no coração.

Sabe o que é um coração
amar ao máximo de seu sangue?
bater ao máximo do seu baticum?

Essa parte do poema refere-se a uma entrega e doação profunda, então o eu lírico faz uma relação entre seu esforço como o de um coração. O coração aqui é colocado com a função de amar, e todos os seus batimentos, pulsos, impulsos são com vista na doação ao amor.

não, você não sabe de jeito nenhum.
Agora chega.
Reforma no meu peito

É mostrada, nesses versos, a reforma a qual o título “Safena” refere-se. A causa da necessidade de uma reforma com safena, de acordo com esse trecho, é a apatia de quem o coração até então amava e se dedicava. Esse reconhecimento deu um impulso para o eu-lírico fazer a ruptura. Esse trecho do poema evidencia a liberdade com que esse eu lírico feminino escolhe se desprender de um relacionamento que não é mútuo. No passado, as mulheres precisavam aceitar o marido e aceitar o relacionamento independente do que sentiam pois o relacionamento, além de não acontecer no campo do sentimento, estava muito menos no alcance da decisão feminina. Segundo Araújo (2002) os estudos de Lévi-Straus (1976) provam que os casamentos eram realizados por questões sociais,

como um sistema benéfico de trocas que se configurava como um contrato feito entre homens e cujo objeto era a mulher.¹

O poema mostra a voz de uma mulher que tem liberdade para fazer suas escolhas baseadas em seus princípios. Isso desloca o corpo feminino, que sempre foi subjugado à manipulação dos outros (marido/ igreja/ pais/ sociedades), mas que adquire autonomia e liberdade na nova história que está sendo escrita. No poema é uma mulher falando sobre seu corpo e suas escolhas, a liberdade não está apenas no controle do seu próprio corpo, mas também, está exibida na fuga do tradicional de uma mulher que discursa a partir do *seu* olhar sobre si e sobre o mundo ao redor. Margareth Rago (1998) sobre isso escreve que, o modo feminista de pensar está criando uma nova linguagem e criando seus argumentos a partir de suas próprias premissas. Portanto, o parâmetro de olhar da mulher não está mais vinculado à visão patriarcal sobre a mulher, mas vinculado à visão revolucionária de si mesma.

Pedreiros, pintores, raspadores de mágoas aproximem-se!
Rolos, rolas, tinta, tijolo
Comecem a obra
Por favor, mestre das Horas
Tempo, meu fiel carpinteiro,
Comece você primeiro passando verniz nos móveis
E vamos tudo de novo do começo.”

A partir daí, a reforma é metaforizada como a reforma de uma casa. É interessante notar que não parece exatamente a reforma de melhoramento, mas, reforma de reinício.

Oxum, Afrodite, Vênus e Nossa Senhora apertem os cintos”

Existem dois pontos em comuns entre as figuras femininas citadas: são deusas e santas, portanto, estão evocando a fé e são mulheres.

Renato Nogueira (2018, p. 12), no seu livro sobre mulheres e deusas comenta que as deusas são representações coletivas do passado que retratam as ambiguidade e disputas humanas protagonizadas pelas mulheres em contextos sociais e culturais diferentes, mas que se mantêm atuais. O eu-lírico ao citar deusas mulheres exerceu, simbolicamente, a representação de mulheres que, contra a regra da inferioridade, exerceram protagonismo. Além do papel célebre que cada uma conquistou, a

¹ Como comprovação, até o século V, após a cerimônia do casamento (com parentes e testemunhas), o pai entregava a tutela da filha ao marido que, como “garantia” do “contrato” retribuía como um donativo puellae. (ARAÚJO, 2002, p. 74)

evocação das deusas representa a devoção feminina que não precisa ser destinada a homens. Até então, a determinação religiosa era que “deus” ditava, os padres e pastores fortaleciam, os pais empunham, os maridos estabeleciam. Nisso tudo, a mulher deveria mais que obedecê-los, reverenciá-los. Mas, no poema, a fé não é algo nocivo ou masculino. As deusas são mulheres porque mulheres também podem ser fonte de forças e apoio e admiração.

Adeus ao sinto muito do meu jeito
Pintos ventre pernas
Aticem as velas
Que lá vou de novo na solteirice
Exposta ao mar da mulatice
À honra das novas uniões
vassouras, rodos, águas, flanelas e cercas
Protejam as beiras
Ilustrem as superfícies
Aspirem os tapetes
Vai começar o banquete de amar de novo

No primeiro verso desta estrofe o eu-lírico dispensa de si toda carga que lhe pesava. O “adeus” representa o abandono da condição de acanhamento sobre o seu próprio jeito. A partir daí começa a exercer plenamente sua vontade e identidade. O primeiro rompimento vai acontecer na esfera do amor (tema do poema). A mulher-eu-lírico vai convocar a reforma de uma forma provocadora, projetando imagens de nudez (“exposta ao mar da mulatice”) e, de revolução.

Gatos, heróis, artistas, príncipes e foliões
Façam todos suas inscrições.
Sim. Vestirei o carmim escarlate
O homem que hoje me amar
Encontrará outro lá dentro.
Pois que o mate.

É convidado pessoas dos atributos mais diversos para se inscrever na roda do amor. Isso representa a liberdade de ter quem quiser, inclusive todo mundo. “Vestir o vermelho” representa apropriar-se da sedução e do amor. Nos últimos versos é feita uma brincadeira sobre alguém habitar no coração dela, mas só enquanto não chega outro.

Assim, a atitude do eu-lírico é emancipatória, pois rompe o fado cultural do encargo patriarcal e vai além das condições impostas arbitrariamente. Esta mulher é ousada e toma decisões a partir de sua própria percepção, desejo, pensamento e propósito.

Com isso, é perceptível que o poema, embora pareça individual, é uma representação coletiva, pois a ruptura com a tradição arcaica possui a dimensão da luta de toda mulher. No poema, o espaço público e privado é subordinado ao espaço interno e fundem-se nele, como um aviso de que a realidade social também acontece do lado de dentro da mulher e a reforma deste interior é o primeiro passo para a mudança exterior e para marcar a identidade da mulher refeita, a mulher livre.

4. Considerações finais

A artista enquanto produtora das palavras da história traz, como responsabilidade, o dever de exprimir o mundo ao seu redor. Na concepção de Theodor Adorno (2003) a lírica tem diálogo intrínseco à sociedade, sendo o autor um canal de transmissão entre a arte e o mundo: o mundo influenciando a arte, a arte modificando o mundo.

O olhar de Elisa Lucinda está diretamente relacionado ao campo de discurso dos poemas uma vez que a produção do conhecimento estaria, no discurso feminino, relacionando o sujeito com seu objeto, sendo subjetivo e afirmando sua peculiaridade (MAGO, 1998, p. 11). Elisa Lucinda como uma escritora negra, luta contra a desigualdade de gênero e a desigualdade racial. Para isso, frequentemente utiliza, nos poemas, o tema da feminilidade reconstruída.

Os poemas “Aviso da Lua Que Menstrua” e “Safena” são questionadores do passado e da posição da mulher. Por tempos, homens formaram uma figura feminina idealizada que oprimia quem a mulher queria ser, mas agora “adeus ao sinto muito do meu jeito”, ou seja, a construção da mulher vai ter, como arquiteta, ela mesma. O tom e tema feminino introduz, na ode, a profundidade do passado, presente e futuro. Isto é, a história da inferiorização, a atualidade da luta e o futuro de liberdade. Tudo isso é explorado por Elisa Lucinda ao ser referido assuntos de violência verbal e física, de reforma e recomeço e de emancipação.

A mulher-poeta, mulher-eu-lírico, carrega em si a missão de anunciar, através de seus escritos, a identidade da mulher, com seus planos, sonhos, sentimentos e sofrimento. Assim, “reverbera o desassossego do próprio sujeito” (ADORNO, 2003, p. 71) sendo a literatura um espaço conquistado para ser exprimido a faina e a flora de ser mulher e, principalmente, de ser a mulher que se quer:

O campo das experiências históricas consideradas dignas de serem narradas ampliou-se consideravelmente e juntamente com a emergência dos novos temas de estudo, isto é, com a visibilidade e dizibilidade que ganharam inúmeras práticas sociais, culturais, religiosas, antes silenciadas, novos sujeitos femininos foram incluídos no discurso histórico, partindo-se inicialmente das trabalhadoras e militantes, para incluir-se, em seguida, as bruxas, as prostitutas, as freiras, as parteiras, as loucas, as domésticas, as professoras, entre outras. (MAGO, 1998, p. 13)

À vista disso, a voz da mulher aparece como uma revelação de um espaço que por muito tempo foi ocultado. A poesia aparece, aqui, como a plena expressão do mundo e, em Elisa Lucinda, do mundo feminino.

A dimensão social do patriarcado é uma construção destruída pela mulher que recomeça a obra e que tem, em si, o princípio do mundo. A partir disso, a voz da ‘lua que menstrua’ e do ‘coração reformado’ expressam a atitude feminina da manifestação verdadeira do que se é e do que virá a ser e se envolve na mudança do panorama social do comportamento humano.

Contemplamos, nesta perspectiva, a dimensão do ser feminino autônomo. A violência que deve existir não é a violência simbólica, física ou psicológica, mas a violenta mudança – radical e necessária. Nos poemas de Elisa Lucinda predomina a liberdade, a voz e a luta, e manifesta o sujeito – feminino e masculino – como dignos de transformações. A busca por sua própria identidade pode ser um instrumento de inspiração para cada sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicol. cienc. prof.*, v. 22, n. 2, p. 70-77, Brasília, June 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

ADORNO, Theodor. *Palestra sobre lírica e sociedade*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. p. 65-89

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. de Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LUCINDA, Elisa. *Aviso da Lua que Menstrua*. In: _____. *O Semelhante*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1992/2002.

NOGUEIRA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e mitos femininos formaram a mulher atual*. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

PIGATTO, Liz Helena; PIGATTO, Lisete Maria Massulini. *A Emancipação Feminina: uma re-leitura*. Disponível em <http://metodistacentenario.com.br/catedra/publicacoes/a_emancipacao_feminina_-_catedra.pdf/view>. Acesso em 21 out. 2020.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998.